

A woman with vibrant purple hair and bright green sunglasses, holding a small yellow object.

tempo pós polaroides

pollyana ferrari

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

No atual século XXI as sociedades confrontam-se com transformações aceleradas, desencadeadas pelo desenvolvimento científico e técnico, pela mundialização e pela sociedade da informação. Essas mutações impõem a necessidade e urgência de repensar o tempo. Hillis diz que “sempre que eu criar um chip, a primeira coisa que eu quero fazer é analisá-lo sob um microscópio – não porque eu ache que eu posso aprender somente olhando para ele, mas porque eu estou sempre fascinado pela forma como um padrão pode criar a realidade”. Andy Warhol será o padrinho deste artigo, pois ele, como Hillis, também estava interessado na granularidade dos novos padrões e suas realidades.

PALAVRAS-CHAVE

narrativa, cultura, hipertexto, mídias sociais, consumo, público, leitor, escrita, digital, granularidade, semântica, convergência, comunicação, e-book, tempo real, superfícies, polaroides, Andy Warhol

Ultra Violet, superstar de Andy Warhol

“Andy Warhol idealizou uma imagem para sua carreira que também pudesse representar sua obra. Sua fama pessoal é a mesma ou maior que o seu trabalho. Ele criou um mito para chamar de seu. As trezentas polaroides produzidas pelo artista entre 1969 e 1986 nos dão uma ideia, às vezes sutil, outras vezes explícita, do seu modo de ver e de como trabalhava /.../ Na superfície atemporal que o artista dizia que é fundamental para reconhecê-lo. Na superfície das palavras e obra de ‘um herói cultural’ que, nos momentos de introspecção, era capaz de elocubrar. “Quero inventar um novo tipo de fast food e estava pensando como seria uma coisa de waffles que tenha a comida de um lado e a bebida de outro – como presunto e Coca-Cola. Você poderia comer e beber ao mesmo tempo”¹.

Estamos interessados neste artigo na discussão sobre tempo real e suas superfícies fluídas de um tempo “face”² e como tão bem disse Andy Warhol, um *fast-food* capaz de agregar vários tempos na mesma proposta midiática. O que Warhol não vivenciou foi o tempo do compartilhamento instantâneo e globalizado de hoje. Olhando por esse prisma, percebemos até um sentimento de nostalgia em relação às câmeras polaroides. Mas vamos deixar de lado a nostalgia e mapear novos olhares que começam a transformar, por exemplo, o *YouTube* em rádio. O advento das novas tecnologias não implica diretamente na morte de uma mídia. Os discos de vinil, o rádio e o cinema são provas vivas que elas sobrevivem, que parte delas reconfiguram-se em um novo paradigma. Nas décadas de 1940 e 1950, o rádio era

¹ Texto de Diógenes Moura, escritor e curador de fotografia da exposição **Andy Warhol Superfície Polaroides (1969-1986)**, em exposição no MIS (Museu da Imagem e do Som), em São Paulo, visitada em 02/06/2012.

² Gíria normalmente usada para descrever a rede social www.facebook.com

³ <http://www.youtube.com/watch?v=Ka1l1doXTTbw>

o principal meio de comunicação. O vinil, até 30 anos atrás, era uma referência para quem queria ouvir música em casa e o cinema já teve um *status* maior, perdendo espaço hoje para *web*. É inegável que novos equipamentos constituem novos hábitos e negociações na interface. Basta lembrar como você ficava sabendo de uma nova música há dez anos? De olho nesse novo comportamento, Marcelo Camelo, ex-vocalista do grupo carioca Los Hermanos, lançou a música *Ô ô* em pílulas no *You Tube*³. Dez segundos em um dia, dez em outro, e assim por diante, até postá-la integralmente para os fãs. “A tecnociência está cancelando o equilíbrio entre o tempo natural e o tempo humano. Para realizar seu poder sobre o mundo, anulou a distância entre meios e fins”, diz o psiquiatra e filósofo italiano Mauro Maldonato, que acaba de lançar o livro “Paisagens de tempo”, pelo SescSP.

Doze horas após o anúncio de sua morte no dia 05 de outubro de 2011, o *Twitter* já contabilizava mais de 4,5 milhões de tuites. O número de tuites, gerados no intervalo se refere à menção exata “Steve Jobs”. Para se estabelecer uma comparação, o mesmo período da morte de Osama Bin Laden gerou 2,2 milhões de tuites registrados pela Sysomos⁴. O que essa avalanche de mensagens instantâneas nos dizem sobre o tempo real? Para Paulo Nassar, professor da ECA/USP, “essa produção mediática da multidão, muitas vezes, formatada sem preocupações técnicas, éticas e estéticas, com certeza não contribui para a consolidação de uma conversação democrática /.../ Esta nova opinião pública é rápida em linchamentos simbólicos, em expressar preconceitos /.../ em blogs, redes sociais e mensagens rapidinhas, de 140 caracteres”⁵. Claro que transpor para formatos digitais processos sociais em curso não é uma tarefa fácil, pois o que chamamos de mídia social hoje compreende, segundo Recuero, “um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de Novas Tecnologias de Comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares”. Isto exige da pesquisa um caráter de processo em curso, que vai documentando durante o mapeamento dos acontecimentos em tempo real. As raízes do webativismo no *Facebook*, por exemplo, estão, segundo Palacios, “no surgimento da própria internet como primeiro meio ao mesmo tempo passivo e interativo. Os mecanismos de *chat*, por exemplo, já continham o embrião dessa participação, bem como as conversas nos *BBS (Bullet Board Systems)*”. Conforme propõe o antropólogo britânico Daniel Miller, é saudável contemplar a possibilidade de que a

⁴ <http://www.sysomos.com>, URL acessada em 07/10/2011, às 21h00.

⁵ “Uma nova opinião pública. Será?”, artigo publicado na Revista E, uma publicação do SESC SP, de maio de 2012, número 11, ano 18.

⁶ A onda de manifestações e protestos que a imprensa batizou de “Primavera Árabe” inicia-se na Tunísia no dia 18 de Dezembro de 2010, por meio de protestos contra a corrupção policial e maus tratos após a auto-imolação do vendedor de rua Mohamed Bouazizi, por anos assediado pelas autoridades tunisianas. O ato de Bouazizi funcionou como um símbolo de ação para a população, e sua história se espalhou pelo Oriente Médio através do *Twitter* com a hashtag #SidiBouazid, alcançando 13 mil tuites, enquanto a mídia oficial não cobria o que realmente estava acontecendo e o governo tunisiano bloqueava sites e prendia ativistas.

⁷ Conceito definido pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari.

internet não existe em si, de que ela é criada de uma forma própria por cada povo, a partir de suas motivações e da maneira como eles a interpretam para responder às suas necessidades particulares como ocorreu no movimento batizado de Primavera Árabe, iniciado primeiramente na Tunísia⁶. É fundamental compreendermos o caráter rizomático⁷ da Internet para analisarmos algumas transformações [escolhidas para ilustrar este artigo] que estão em curso na configuração do tempo real, seja em novos suportes para o livro ou em movimentos sociais e políticos contemporâneos.

Em primeiro lugar, nota-se a ampliação das formas de conexão entre indivíduos e, entre indivíduos e grupos. Esse aspecto proporciona a horizontalidade da comunicação e, portanto, a ruptura com o aspecto característico dos meios de comunicação tradicionais que se organizavam a partir da relação entre um emissor e muitos receptores. Nesse sentido, a Internet proporciona, em primeiro lugar, a multiplicidade e heterogeneidade das conexões. Cada ponto da rede pode realizar conexões infinitas com múltiplos pontos descentralizados, como um movimento turbilhonar na ocupação de espaços e na construção de percursos, que estão em constante criação e com um tempo que transcende o relógio, um “tempo tagueado”, ou seja, um tempo que pode ser resgatado a qualquer minuto por bancos de dados, o que era impensável há 15 anos. Precisamos achar esse novo “não-lugar” temporal.

Compete-nos desarmadilhar o mundo para que ele seja mais nosso e mais solidário. Todos queremos um mundo novo, um mundo que tenha tudo de novo e muito pouco de mundo. A isso chamaram de utopia. Sabendo que essa palavra contém uma cilada. A palavra “utopia”, que vem do grego, quer dizer o “não-lugar” (em contraponto com o lugar concreto que é o nosso mundo real.) Não sei se poderemos chamar de lugar ao território onde vivemos uma vida que nunca chega a ser nossa e que, cada vez mais, nos surge como uma vida pouco viva. (COUTO, 2008:95-96).



Occupy *Tel Aviv*: acampamentos na Rothschild Boulevard

O caráter rizomático do não-lugar

Segundo Milton Santos (1994), uma cidade materializa características oriundas da relação entre técnica, espaço e tempo. Em um debate a respeito dos meios técnicos científicos e informacionais, o autor nos permite identificar o impacto que a presença da técnica exerce no espaço urbano. Segundo Santos, é possível considerar a história de uma cidade a partir de sua técnica. Seria possível, então, avaliar o cotidiano da cidade a partir da presença das TICs. O tempo e o espaço da cidade correspondem ao tempo da produção e consumo, de tal sorte que restam poucas lacunas para a materialização do civismo. Segundo Santos, as cidades contemporâneas seriam cidades sem cidadãos, lugares em que “a lei do novo é também a da conformidade e do conformismo. As estruturas mentais forjadas permitem a abolição da idéia (e da realidade) de espaço público e de homem público” (SANTOS, 1994, p.75). Até agora conseguimos mapear o tempo instantâneo exercendo mutações nos movimentos sociais e políticos, nas cidades, nas relações afetivas e pessoais.

Esse tempo “face” agrega algumas granularidades específicas. Com mais de 800 milhões de usuários, o *Facebook*, anunciou no dia 22 de setembro de 2011, grandes mudanças visuais em sua página principal, a do perfil do usuário, onde a “Timeline”, como foi batizada a nova página de perfil, funciona como uma linha do tempo, trazendo as atividades dos usuários e suas histórias. O vídeo⁸ de apresentação dá uma ideia de como vai funcionar o novo *Facebook* com cara de *Tumblr*. Com isso, o *Facebook* está criando suportes para a atualização do nosso próprio espaço mental, como ensina Lévy. Além da interface, novas funcionalidades como, por exemplo, os botões “ler”, para um livro, “ouvir”, para uma música e “ver”, para filmes e séries do parceiro *Netflix*, devem expandir nosso compartilhamento cognitivo. O que estamos assistindo é uma migração vertiginosa da narrativa impressa e imagética para a narrativa “tagueada”. Nesse contexto, a mudança do livro impresso para o livro digital, por exemplo, traz aflições e também novas perspectivas. Como nos ensina Bauman, “contar histórias e escutá-las cria um elo entre dois protagonistas e os mantém ligados na negociação da verdade da experiência humana”. Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma

⁸ <http://www.facebook.com/about/timeline>, URL acessada em 05/10/2011, às 10h30.

explicação? De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a internacionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade /.../ Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes. (SANTOS, 2000, p. 17-18). Segundo (VILLAÇA, 2002: 13), uma “série de conceitos precisa ser pensada progressivamente, na articulação dos pares global/local, corporeidade/virtualidade, abertura/controlado, certeza/incerteza, simplicidade/complexidade, familiaridade/estranhamento, experiência/entretenimento. Repensar a questão temporal proporciona familiaridade, ou estranhamento nas pessoas?

A imprensa, por exemplo, teve um grande papel de mediação no século XIX. As tecnologias de impressão vão fazer das narrativas impressas grandes propulsoras da cultura de massa. Hoje, assistimos a mídia social fazendo esse mesmo papel com a comunicação digital que presenciamos nas redes sociais. O que a nova “Timeline” do Facebook nos mostra é que o compartilhamento veio para ficar e virou sinônimo de tempo real e tempo escorregadio. Outro exemplo prático de narrativa que usa o tempo fluído são as ações da Casa da Cultura Digital, uma vila e incubadora de ideias que reúne empresas de tecnologia e cultura, localizada há três anos na Rua Vitorino Carmilo, 459, Barra Funda, centro de São Paulo. “Quem passou pelo Elevado Costa e Silva, o conhecido Minhocão, na tarde do domingo, dia 1º de abril, encontrou grama, piscina de plástico e gente fazendo ioga no concreto. A iniciativa apareceu na TV aberta e nos jornais. E fez um festival independente e online (financiado via *crowdfunding*⁹) sair da internet (...) O Baixo Centro arrecadou R\$ 22 mil em doações. Ocupou o centro da cidade por dez dias e levou ao mundo real o trabalho da Casa de Cultura Digital”, narrou a reportagem “República eletrônica”, do caderno *LINK*, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*¹⁰. Outro exemplo desse novo tempo fluído é o livro eletrônico, surgido em 1999, e chamado de *Rocket eBook*; verdadeira parafernália criada para poupar espaço e transformar hábitos de leitura, como narrou na época reportagem do jornal *O Globo*¹¹. Especialistas apostavam que seria uma revolução similar a que Gutenberg provocara quando inventou a imprensa em 1452: dez romances

⁹ Termo usado para explicar iniciativas de financiamento colaborativas. O site brasileiro do Crowdfunding, pode ser acessado pelo endereço <http://crowdfundingbr.com.br/>

¹⁰ <http://blogs.estadao.com.br/link/república-eletrônica/>, endereço eletrônico acessado em 14 de abril de 2012, às 12h05.

¹¹ Jornal O Globo, Primeiro Caderno. 11 de novembro de 1998. p.5 e Jornal O Globo Caderno Informática 12 de abril de 1999. p.4."

Festival Baixo Centro



A especulação imobiliária é dependente da violência policial

em 627 gramas de tecnologia digital. Johnson nos explica que foram mais de 10 anos para a tecnologia ser assimilada pela indústria e nos próximos cinco, dez anos, se tornará de massa. Johnson ainda ressalta que esse tempo vem encurtando, quase podemos dizer que as tecnologias devem demorar, em média, cinco anos para serem absorvidas. A revista *Wired*, a bíblia de tecnologia e cultura *geek*, por exemplo, lançou em 26 de maio de 2010 sua versão para *iPad*, vendendo 100 mil downloads da revista digital no site da Apple Store. Para Chris Anderson, editor-chefe da revista e autor dos livros *A Cauda Longa* e *Free*, “as revistas impressas podem ficar ainda mais artesanais, com *design* especial, em baixa tiragem. Não acho que estamos vendo o fim do papel. (...) A revista digital ganha camadas, profundidade. Você tem duas revistas diferentes, uma vertical e uma horizontal, e mesmo terceira dimensão, com os arquivos de vídeo. Podemos dizer que é o fim da grande ironia que é uma revista de tecnologia só agora se tornar realmente digital”¹².

¹² Chris Anderson conversou em 2010 com a revista PLUG, da Editora Abril, em uma de suas viagens para conferências onde passou por São Paulo para falar do lançamento da *Wired* para *iPad*.

Tempo ciclope¹³

ARTIGOS

pollyana ferrari

teccogs

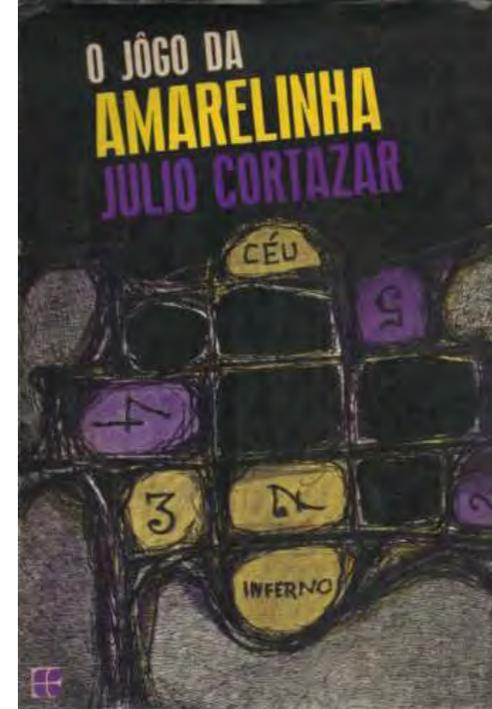
n. 6, 307 p,

jan.-jun, 2012

“Aos 18 Claudia já tinha ido e voltado várias vezes: de uma cidade a outra, de um país a outro, de um continente a outro, e também sobretudo da dor à alegria e da alegria novamente à dor /.../ Claudia era cortazariana a não mais poder, embora seu primeiro contato com Cortázar tenha sido na verdade, um desengano: ao chegar ao capítulo 7 de *O jogo da Amarelinha*, reconheceu apavorada o texto que seu namorado costumava recitar para ela como se fosse dele, o que a fez terminar o namoro e iniciar um romance com Cortázar que talvez ainda dure”¹⁴

O Jogo da Amarelinha é um romance escrito por Julio Cortázar em 1963, considerado a obra máxima do autor. O assunto principal do livro não são os personagens, mas o próprio livro. Nas palavras do próprio autor, “esse livro é muitos livros, mas é, sobretudo, dois livros”. O leitor pode começar do capítulo 1 e ir até o 56, tendo assim uma bem construída história sobre um triângulo amoroso. Ou pode optar por começar no capítulo 73, e começar a seguir a ordem indicada por Cortázar. Escolhendo a segunda opção (minha preferida), o leitor verá os acontecimentos de Maga, Oliveira, o Clube da Serpente e o narrador, e depois pode ler citações de grandes autores, textos debatendo a literatura atual, artigos sobre os personagens, desvios, recortes de um texto maior. Tudo misturado, pulando capítulos para depois voltar aos mesmos, como se fosse um jogo da amarelinha. Se refletirmos sobre o capítulo 7 do livro de Cortázar, batizado de Ciclope que, segundo a mitologia, significa gigante com um só olho na testa, percebemos que vivemos um tempo ciclope, pois não conseguimos, muitas vezes, enxergar e compartilhar ao mesmo tempo. Estamos com um olho só, às vezes, presos a visões reducionistas e preconceituosas sobre o tempo “face” ou, o que também é um problema, deslumbrados com o tempo do compartilhamento incessante. A fase é transitória, pois estamos mudando o eixo da sociedade industrial para um mundo movido por informações. E ainda não conseguimos jogar fora nossa velha câmera *Polaroid*.

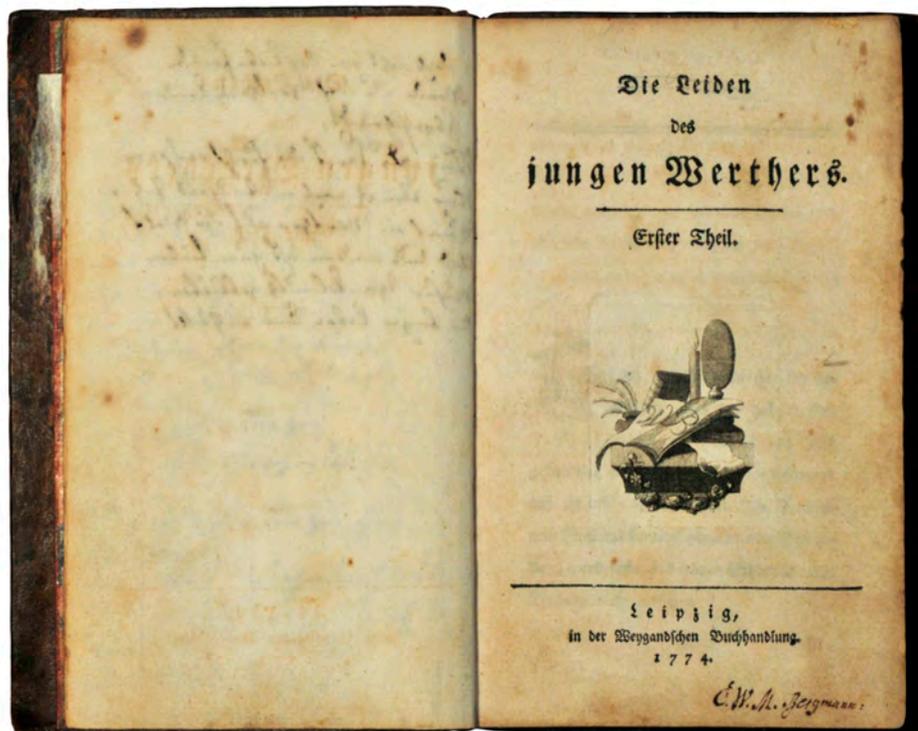
Depois de Gutenberg, o texto impresso reinou do século XV ao século XIX, período que pode ser chamado como “era das letras”, em que o texto impresso



¹³ substantivo.masculino. Mito. Gigante com um só olho na testa. Medicina. Monstro com as duas órbitas unidas e atrofia do aparelho nasal..Zoologia. Pequeno crustáceo de águas doces. (Compr.: 2 mm, ordem dos copépodes.)

¹⁴ O ciclope, artigo de Alejandro Zambra, publicado no caderno Ilustríssima, do jornal Folha de S. Paulo, em 03 de junho de 2012. Tradução: Paulo Werneck.

foi o principal produtor e difusor do conhecimento e da cultura. O livro impresso, que era produzido a partir de registros duplicáveis fez com que a informação pouco a pouco fosse algo transportável, transferível. A partir disso, o conhecimento que era reservado apenas a alguns privilegiados fez com que a vida social e cultural sofresse transformações irreparáveis na sociedade moderna (SANTAELLA, 2007: 286). Em pouco mais de 200 anos, o tempo da leitura foi transformado. A ascensão da novela contrabalançou um declínio da literatura religiosa quase sempre em torno da segunda metade do século XVIII, especialmente na época do *Werther* de Goethe, que provocou uma resposta mais espetacular do que a *Nouvelle Heloise* na França ou *Pamela* na Inglaterra. É o surgimento de um novo público leitor (VILLAÇA, 2002: 43). Durante o Renascimento, menos de 10%



das inovações ocorreram em rede; dois séculos depois, a maioria das grandes inovações surge em ambientes colaborativos. Múltiplos desenvolvimentos provocam essa mudança, a começar pela prensa de Gutenberg, que passa a ter um impacto importante sobre a pesquisa um século e meio depois da chegada da primeira Bíblia às bancas, à medida que ideias científicas vão sendo armazenadas e compartilhadas na forma de livros e panfletos. Os sistemas postais, tão centrais para a ciência do Iluminismo, florescem por toda a Europa; as densidades formais como a *Royal Society* criam novos centros para a colaboração intelectual (JOHNSON, 2010: 188-189).

As redes das quais falamos até aqui são redes sociais, formas de organização humana e de articulação entre grupos e instituições. Porém, é importante salientarmos que estas redes sociais estão intimamente vinculadas ao desenvolvimento de redes físicas e de recursos comunicativos. A partir da constatação de que o meio é a mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas (MCLUHAN, 1964:23), o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu conteúdo é um outro meio. Nenhum meio existe sem depender do outro: nenhum meio tem sua existência ou significado por si só, estando na dependência e na constante interrelação com outros meios (IBIDEM: 42). E que o usuário de uma narrativa está atravessando uma base de dados, seguindo *links* entre seus registros estabelecidos pelo criador da base de dados. Uma narrativa interativa pode ser entendida como a soma de múltiplas trajetórias através de uma base de dados (MANOVICH, 2001). Pode-se criar entre as palavras e os objetos novas relações /.../ Uma palavra pode tomar o lugar de um objeto na realidade. Uma imagem pode tomar o lugar de uma palavra numa proposição (FOUCAULT, 1998).

Alguns mantras, remixagens em produtos e um aguçado olhar a frente do seu tempo, fez com que Steve Jobs e sua equipe mudassem a nossa forma de usar tecnologia. Foi assim com música, não será diferente com o livro ou com os movimentos sociais e políticos do século atual. “Com a internet, voltamos à era alfabética. Se um dia acreditamos ter entrado na civilização das imagens, eis que o computador nos reintroduz na galáxia de Gutenberg, e doravante todo mundo vê-se obrigado a ler /.../ O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma

vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher”, profetizam Eco e Carrière. Precisamos olhar a frase de Eco sobre a perspectiva de que um *e-book* ou um movimento como o #VetaDilma são tempos impregnados de características hipermediáticas. O ritmo quando escrevemos no computador ou tocamos a tela é o mesmo do pensamento. Isso acelera a escritura e o torna diferente do livro. Já vivenciamos essa aceleração com a chegada dos meios eletroeletrônicos e redes de transmissão broadcast, como o rádio e a televisão (SANTAELLA, 2007: 288-289). Estes promoveram verdadeira revolução no convívio e hábitos da sociedade, bem como na forma de consumir informação. Santaella refere-se ao século XX como o “século da coexistência”.

“Em outubro, foi lançada a campanha *Floresta Faz a Diferença* (#florestafazadiferença), encabeçada pelo Comitê Brasil em Defesa das Florestas e do Desenvolvimento Sustentável (coalizão formada por 163 organizações da sociedade civil). Com participação do cineasta Fernando Meirelles, a campanha colocou celebridades como Wagner Moura, Gisele Bündchen, Alice Braga e Rodrigo Santoro para alertar as pessoas, por meio de vídeos e fotos, sobre os prejuízos que o projeto poderia trazer ao país. Foi o primeiro passo para popularizar o tema, até então restrito a políticos, ambientalistas e gente politizada. O movimento com os dizeres *Veta, Dilma!* começou logo depois, em dezembro. “O texto que saiu do Senado era tão ruim, que começamos a campanha desde então”, conta Bazileu Margarido, integrante do instituto *Democracia e Sustentabilidade* (IDS), uma das organizações responsáveis pelo trabalho nas redes sociais /.../ Mas a repercussão só aumentou em abril deste ano, com um grande movimento organizado para o dia 22 (Dia da Terra) e, logo em seguida, no dia 25, quando a Câmara dos Deputados aprovou uma nova versão do texto, com as alterações propostas pelo relator Paulo Piau (PMDB-MG)¹⁵.

O tempo pós polaroides das redes sociais ganhou proporções inéditas no Brasil com a campanha #VetaDilma onde, por exemplo, vários vídeos foram gerados e compartilhados nesse período de manifestações contra o novo Código Florestal. O *Greenpeace Brasil*, por exemplo, movimentou 313.913 assinaturas até dia 05 de maio de 2012, com a campanha Liga das Florestas¹⁶, um projeto de Lei popular pelo desmatamento zero de nossas matas. A pesquisadora Raquel Recuero

¹⁵ Trecho extraído da reportagem publicada em http://acritica.uol.com.br/amazonia/Campanha-Veta-Dilma-mensagens-bem-humoradas-Manaus-Amazonas-Amazonia_0_694130599.html, acessada em 05/06/2012, às 16h10.

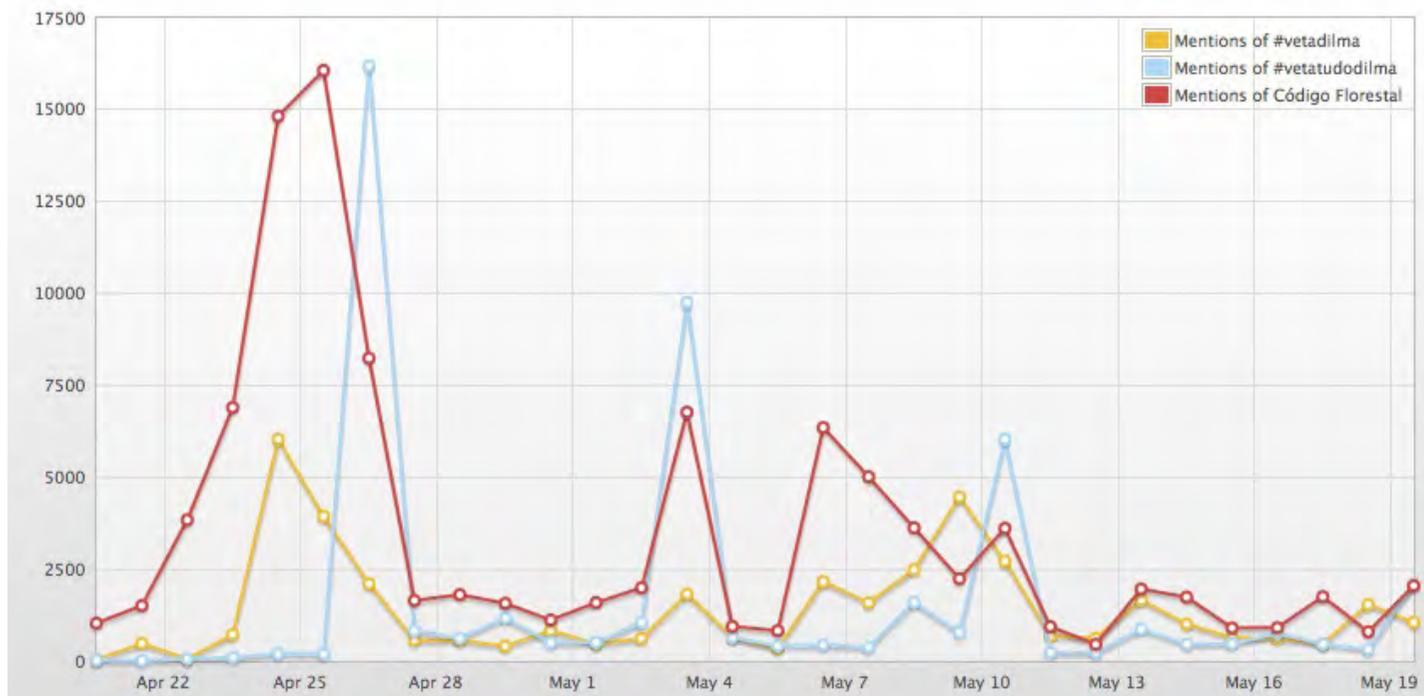
¹⁶ <http://www.ligadasflorestas.org.br/?id=>, acessado em 05/06/2012, às 17h00.

¹⁷ http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/dilmavetado_mobilizacoes_e_midia_social_no_brasil.html, acessado em 04/06/2012, às 10h00.



publicou post em seu blog” dizendo: “Estou acompanhando desde o início do mês de maio as manifestações no *Twitter* e no *Facebook* e, como em raros momentos, percebo uma mobilização de vários setores da sociedade civil contra o novo código florestal, pedindo a Dilma que veto tudo. Há uma série de estratégias novas sendo usadas pelos grupos como forma de mobilização no ciberespaço. Fico bastante impressionada, pois acarretaram em uma série de eventos também no *offline*, como a marcha que teve em SP e a Camila Pitanga pedindo o veto no evento do doutoramento *honoris causa* do Lula. (...) É um dos movimentos que tem tido maior participação da sociedade brasileira no *Twitter* e no *Facebook* e é por isso que chamou minha atenção e meu interesse em analisar como está mobilizando e quais grupos estão sendo mobilizados pela agenda. (...)”

“No gráfico abaixo, temos as citações aos termos “Código Florestal”, #vetadilma (que era a hashtag que originalmente estava sendo usada no Twitter, tendo sido substituída por #vetatudodilma, #dilmavetatudo e por aí vai para evitar a detecção de spam e o trancamento dos tópicos pelo mecanismo do Twitter). O primeiro pico, logo após a aprovação do relatório e do código, inicia as manifestações contra ele. O segundo pico, no início de maio, corresponde a fala da Camila Pitanga e à proposição de um movimento pelo AnonymousBR (grupo hacker), o “Movimento Veta”, onde os hackers organizariam-se para “pixar” sites pelo veto ao código /.../ Apenas para exemplificar essa “pluralidade” de grupos que estão atuando de forma a protestar e organizar os protestos contra o código, peguei um grafo pontual de 3 mil e 700 tweets da hashtag #dilmavetatudo do pico de marco. Além da Camila Pitanga, vemos outros três grupos fortemente



mobilizados: O grupo das ONGs (principal influenciador é a WWF), em azul escuro; o grupo político (com forte interconexão com as ONGs), cujo principal influenciador é a Marina Silva (em azul claro); e o grupo hacker, cujo principal influenciador foi o YourAnnonNewsBR (em verde)”, explica Recuero.

O que eu acho que está chegando diferentemente são maneiras muito mais orgânicas de organização da informação que os nossos esquemas de categorização atuais permitem, com base em duas unidades – a ligação, o que pode apontar para qualquer coisa, e a marca, que é uma forma de colocação de rótulos de ligações. A estratégia de etiquetar – de forma de livre rotulagem, sem levar em conta as restrições categóricas – parece ser uma receita para o desastre, mas como a internet tem nos mostrado, é possível extrair uma quantidade surpreendente de valor de grandes conjuntos de dados desorganizados¹.

Para Moriconi (2005), o chamado Circuito Midiático se relaciona intimamente com outras vertentes culturais (TV, cinema, jornalismo, etc). No circuito midiático, o valor se estabelece pela circulação da cultura. Com isso, entende-se que o que é tido como literário prescinde da decodificação dos consumidores. Este fato torna a Teoria da Literatura companheira da Teoria da Comunicação, uma vez que, o literário é definido pela relação presente entre emissores e receptores (...) Com a potencialidade de infinita armazenagem em rede, e com o surgimento dos modernos readers (aparatos eletrônicos para leitura), os quais podem ser abarrotados de romances, contos, poesias, biografias, sem muito esforço, a Literatura está hoje ao alcance do *mouse*.

Bottentuit Junior e Coutinho (2007) apontam algumas características a serem levadas em conta, quanto ao consumo do *e-book*. Dentre as vantagens desta ferramenta estão: a facilidade do *download*, a portabilidade e a mobilidade, aliadas à grande quantidade de obras que podem ser armazenadas num único dispositivo de leitura (*reader*); o fato da edição e divulgação dos *e-books* ter imenso alcance; e a possibilidade da utilização de links para sites externos e consultas a materiais em rede. Como nem tudo são flores, as desvantagens que podem ser identificadas nesse caso são: leitura mais lenta e cansativa; impossibilidade de fazer anotações manuais; a ainda grande quantidade de livros sem recursos multimídia (...)².

Considerações finais

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) possibilitou o surgimento do tempo “face” e toda a discussão sobre novas interfaces nômades. Surgida no início dos anos 1990, a World Wide Web tornou-se a grande base de experimentação da Web 3.0. “A Web Semântica não é uma Web separada, mas uma extensão da atual. Nela a informação é dada com um significado bem definido, permitindo melhor interação entre os computadores e as pessoas”. explica Tim Berners-Lee³, responsável no Consortium (W3C) por operar a transformação que irá modificar a web como a conhecemos hoje. “Web Semântica pretende embutir inteligência e contexto nos códigos de programação”.

Finding information is not just a matter of appropriate and unambiguous labeling: it is also important to attach labels at the appropriate level of granularity. It is not helpful if a 1.000 pages history of World War II is labeled as containing information about Franklin D. Roosevelt unless there is an index to indicate on what pages he is mentioned. In a conventional library, the cataloger is only concerned with book-sized items, and leaves the creation of the index, if any, to the publisher of each individual book. In an open networked resource like the World Wide Web, the indexing and cataloging tasks are greatly magnified, with information associated with individual pages and parts of pages rather than with a site as a whole. Similarly, the growth of time-based digital media such as audio and video files has increased the desire for access at finer granularity than the complete program or the whole album or even an entire song. We want to point to a particular frame or musical phrase, and we want to find it quickly. The key task for the designer is to provide access to semantically segmented information, to information that is chunked into meaningful units. (MURRAY, 2012: 223).⁴

A granularidade semântica⁵ proposta por Murray, também foi averiguada por Moherdau⁶ em sua tese de doutorado. Para ela, “a arte digital é frequentemente transformada em um processo de estrutura aberta baseado no fluxo de informação e no engajamento do participante. O público se torna parte do trabalho ao remodelar componentes textuais e visuais de um projeto. (...) O artista vira um mediador ou facilitador da interação”. O problema é que não sabemos lidar com

ARTIGOS

pollyana ferrari

teccogs

n. 6, 307 p,
jan.-jun, 2012

essa mediação em tempo real. “Bastaram quatro dias para que as 36 fotos íntimas de Carolina Dieckmann se transformassem em 50 mil, entre cópias idênticas e imagens levemente modificadas. Elas se espalharam por 211 domínios de mais de 20 países, de acordo com a ONG Safenet. Os números podem ser ainda maiores, pois apenas a web foi investigada, deixando de lado compartilhamentos por e-mails, redes sociais e plataformas ponto-a-ponto (P2P). No período que vai de 04/05/2012, dia em que as fotos foram parar na Internet, e 8/5, a ONG registrou 8 milhões de acessos a elas”⁷. Como será que Andy Warhol8 criaria um novo tipo de fast food, levando em conta o tempo real do século XXI?